

São Paulo , 11 de Setembro de 2007

SR. PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA
SR. PRESIDENTE DO NÚCLEO DE MINAS GERAIS DA SBG
SR. RESPONSÁVEL/DIRIGENTE DO IBAMA SANTANA DO RIACHO-MG

Caros Senhores:

Na minha vida de 45 anos como geólogo tive a oportunidade de visitar muitos monumentos/afloramentos excepcionais, em várias partes do mundo, diferentes países, diferentes contextos geológico-geotectônicos. Sem pretensões, sem falsa modéstia, fui um privilegiado na minha profissão, com poucos similares. Conheço muitas faixas móveis neoproterozóicas e fanerozóicas do mundo.

O Morro da Pedreira está incluído nestes monumentos, como a Pedreira da SANBRA (ambos em Minas Gerais, região da cobertura do Cráton S. Francisco e de suas faixas marginais).

Lamentavelmente, o tempo (intempéries de parte de águas vadasas e da vegetação) e o descuido estão transformando o Morro da Pedreira não mais em uma referência para a comunidade geológica, mas um monumento ao desleixo do homem, da incapacidade do ser humano (poder público) de preservar as sutilezas da mãe natureza. Já no caso da SANBRA, localizada numa propriedade particular, sua conservação tem sido altamente meritória.

Devo lembrar aos senhores, que John Ramsay – o maior nome da Geologia Estrutural do mundo, conhecedor profundo de todas as cadeias de montanhas do Fanerozóico – se emocionou ao ver o Morro da Pedreira e disse enfático: são as mais belas estruturas em bainha da face da Terra.

Que peço e sugiro aos senhores??? Algo plenamente possível, exequível, viável, simples, barato.

No caso do IBAMA para dar subsídios ao próprio nome (Proteção Ambiental do Morro da Pedreira). No caso da SBG, para demonstrar que ela pensa na comunidade e que seus objetivos são bem mais amplos do que muitos pensam. Eu sugiro que o Corpo de Bombeiros de Sete Lagoas ou da cidade mais próxima seja convocado para lavar (sem erodir) a escarpa da frente de lavra da pedreira. Cuidadosamente lavada (sem erosão), com sabão e bucha, a pedreira voltaria a ter o fulgor e a beleza inusitados que vi e me encantei em 1973, cerca de 34 anos atrás. E que jamais esqueci. Hoje, menos de que a décima parte da pedreira mostra as notáveis estruturas geológicas ali implantadas com capricho nos tempos sturtianos.

O fato é que, ano sim, ano não, eu levo os alunos de S. Paulo (e vários professores de outras universidades fazem o mesms) para verem a pedreira. E cada ano que passa acresce minha lamentação, até certa indignação com a sujeira das paredes e arredores. Um atestado de que o Brasil está longe do primeiro mundo, sabendo que tudo isto pode ser revertido em dois dias. Rogo à SBG, rogo ao IBAMA. Revitalizem aquele monumento. Valorizem aquela dádiva da natureza. Custa pouco, muito pouco e trará resultados tão grandes.

Agradeço a compreensão dos senhores.

Benjamim Bley de Brito Neves
Professor Titular- GMG - IGc USP
Membro titular da Acad. Brasileira de Ciências